

O tempo como medi[a]dor estético: criação e recepção da obra

Maria de Fátima Lambert

Escola Superior de Educação do Porto

Resumo

O tempo preside, dirige a existência da obra, na pessoa do sujeito-autor, mesmo quando não se evidencia numa primeira recepção estética. Na arte contemporânea, apesar da diversidade de linguagens que lhe assistem e do desgaste (e controvérsia) que o conceito carrega, o tempo firma-se e instala-se. As assunções artísticas manifestadas, os significados que o definem, correspondem ao papel, à relevância e ao contexto em que o autor o pretende. O tempo é simultaneamente causa e efeito, ponderado por via de ideias e materialidades, dispositivos e evanescências que o dão a ver, a ouvir, a fruir. Analisam-se algumas obras de artistas que: 1. Desenvolvem a sua produção sob a égide racionalizadora/senso-percetiva da ideia de tempo; 2. Estabelecem (ou não) a ideia como charneira, nomeiam e/ou sequer a pretendem identificar. 3. Procuram apreender, diferenciar e sublinhar-se os modos em que como recetor/ sujeito assinala ou intui, em termos estéticos. Ainda, até que ponto, qual a dimensão e modalidades, em o tempo é tratado (ou é substância): lentidão, quietude, duração, demora, instante, efemeridade, fugacidade precaridade; como é transferível, permutável, perceptível e como interfere e extrapola além do perímetro da percepção viso-verbica.

Abstract

Time presides, directs the existence of the work, in the person of the subject-author, even when it is not evident in a first aesthetic reception. In contemporary art, despite the diversity of languages that assist it and the wear and tear (and controversy) that the concept carries, time takes hold and settles down. The manifested artistic assumptions, the meanings that define it, correspond to the role, relevance and context in which the author intends it. Time is simultaneously cause and effect, weighted through ideas and materialities, devices and evanescences that make it possible to see, hear, enjoy. Some works by artists are analyzed that: 1. Develop their production under the rationalizing / sense-perceptive aegis of the idea of time; 2. Establish (or not) the idea as a hinge, name and / or even intend to identify it. 3. They seek to apprehend, differentiate and underline the ways in which, as a receiver / subject, it points out or intuitively, in aesthetic terms. Still, to what extent, what is the dimension and modalities, in time is it treated (or is it substance): slowness, stillness, duration, delay, instant, ephemerality, fleeting precariousness; how it is transferable, interchangeable, perceptible and how it interferes and extrapolates beyond the perimeter of viso-verbal perception.

Introdução:

E o tempo em que vivemos é o tempo duma profunda tomada de consciência.

(Andresen, 1976:75)

Abordar o conceito de tempo é um risco epistemológico, estético e antropológico, para citar apenas disciplinas que o tratam. E não apenas agora.

Não se pretende, neste contexto, proceder a um estudo acerca do tempo - o que seria impraticável e pretensioso. Identificam-se sim, tópicos associados na sua definição plural, que subjazem na escolha das obras contemporâneas apresentadas. Revêem-se bases conceituais que atravessaram a história do pensamento ocidental e contribuem para uma reordenação iconográfica subsumida à polissemia da definição de tempo, seus atributos e variantes. Ao longo dos últimos 15 anos desenvolveu-se um levantamento de obras de arte sobretudo visuais, audiovisuais, paralelamente à compilação de excertos poéticos e ficcionais sob égide das variações que o tempo supõe. Essa investigação pronuncia-se sobre o alento e sedução que as ideias, adjacentes e constitutivas do tempo, evidenciaram durante o séc. XX. Ainda que retrocedendo até aos primórdios dos estudos sobre o tempo. Uma iconografia subjetiva do tempo que, neste período de confinamento, adquiriu outras proporções e significâncias. Palvaras, obras e ideias levitam sobre a consciência medida na soma dos dias. Assim, nesse leque infindável de estímulos imagéticos, a escolha incidiu em casos circunscritos que elucidam as vivências, as experiências do tempo, na sua ambiguidade múltipla, todavia recentrada na autofagia do consumo artístico como redenção estética.

Arqueologia do instante - limite e duração

E no entanto o tempo escapa a cada instante,
e quanto mais é meu mais se me escapa,
e mais se me escapa quanto mais é meu...

(Sena, 1989: 93)

Mediante estratégias diferenciadas, que a meu ver, contribuem para pensar e visibilizar o tempo, associando contradições e devaneios, implícitos no pensamento de inúmeros filósofos, poetas e artistas, elaborações situadas num rco cronológico expandido. Assim, não analisarei as obras de arte, antes compilei ideias que podem complexificar a sua receção estética.

Inúmeras aporias foram originadas, desde a Antiguidade, ao pensar o tempo, caso do que se lê em Sexto Empírico. Platão refletira sobre o tempo no Timeu. Mas seria Artístóteles, quem lhe conferiu avanço para ulteriores explanações, numa vertente científica (Physique, IV, 10-14), como analisou Hervé Barreau (1968, pp. 213-238). Aristoteles, além dos termos platónicos, retomou a argumentação pitagórica, instaurando a ideia de tempo associada a movimento, mas também ao número. Ou seja, o tempo matemático, numa certa forma de o assumir, suscetível de medição, apesar da incongruência que lhe assistia, consequência da sua divisão, onde apenas o presente se “fixava”, como mais tarde quis o Filósofo céptico. A considerar, por outro lado, as inoportáveis diferenças entre tempo individual / subjetivo e tempo histórico. Ou, ainda, as disrupções entre um tempo experienciado e o tempo relatado, referenciado por Paul Ricoeur: “O tempo relatado é como que uma ponte lançada acima da brecha que a especulação não cessa de atravessar entre o tempo fenomenológico e o tempo cosmológico.” (1985: 352)

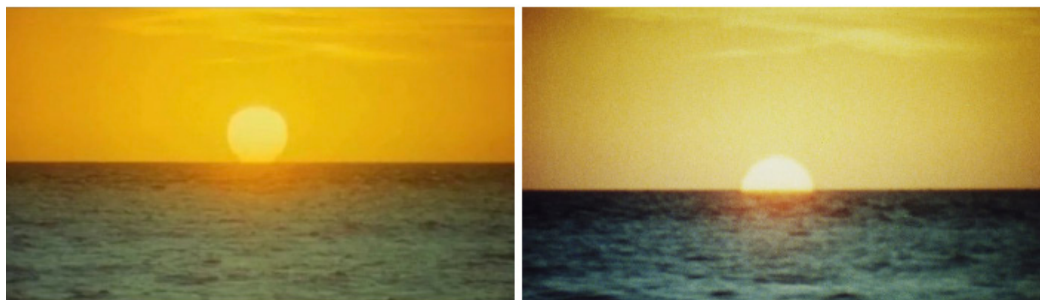


Fig. 1a) - Tacita Dean (2001). The Green Ray. Vídeo. (2 stills do vídeo)

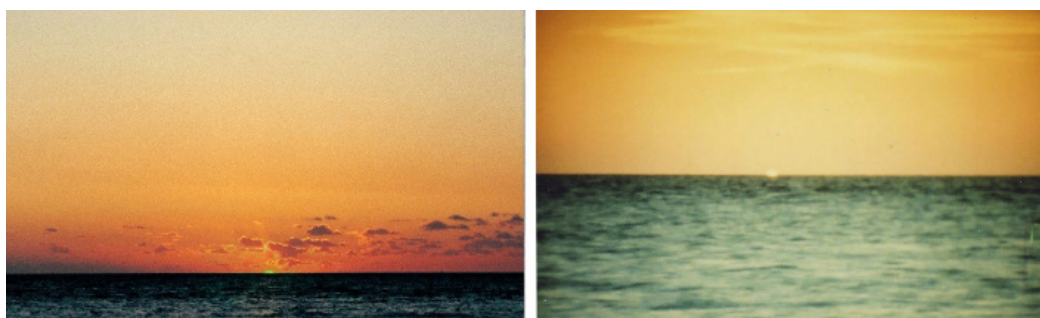


Fig. 1b) - Tacita Dean (2001). The Green Ray. Edição para a Revista Parkett, vol 62 e Still do vídeo.

O tempo narrado pelos escritores, retem a sua passagem, repetida todas as vezes que as frases se lêem. Magicamente, o tempo retoma-se, revisita-se, toda flui no instante em que se conclui. Por outro lado, em alguns segmentos de texto, as narrativas são poderosas imagens que cativam o leitor, estimulando a constituição de imagens mentais que correspondem. Assim, a primeira escolha iconográfica [Figs. 1a) e 1b)] incidiu na abordagem do mítico The Green Ray, vídeo de Tacita Dean (2001), convocando a lenda do Raio Verde que ficou celebrizada na ficção de Jules Verne (1882).

O escritor francês complexifica a busca mítica de um fenómeno natural que seria apenas observável em dias de boa luminosidade, céu ameno e horizonte limpo. O foco converge nesse instante brevíssimo em que o sol mergulha na linha do horizonte, sugerindo a miragem de um raio verde. Poucos o viram certamente: “Cependant, ainsi qu’il arrive quelquefois après un trouble atmosphérique brutalement amené, brutalement disparu, le temps était devenu admirable, le ciel d’une pureté parfaite.” (Verne, 1882, Chap. XII, https://fr.wikisource.org/wiki/Le_Rayon_vert/Chapitre_XXII)

Em A Ilha do dia antes (1994), Umberto Eco estagnava o tempo; ou melhor, movimentava-o, forward e rewind, uma, duas, vezes sem fim: num modo incessante, ao sabor da circularidade mítica, argumentada por Octavio Paz Los Hijos del Limbo (1974). Os discos que rodam o tempo, o disco do tempo que nenhum discóbolo lança em consciência total. O tempo mítico, na circularidade, contrapõe-se à linearidade do tempo humano – privilégio (envenenado) do humano. O eterno retorno que, segundo Nietzsche é a remissão derradeira, após afirmada a morte de Deus.

Questiona-se quer a realidade do tempo, quer a sua percepção, perante a incapacidade, a impossibilidade de o deter, de o materializar. No que o tempo não pode ser uma verdade, nem sequer uma vidência balizada por mais do que um indivíduo que o meça com as suas circunstâncias instáveis. Ele (o tempo), essa incógnita cujos rastros, todavia, se fixam, intermitentes e perenes, em pessoas, coisas e paisagens. Um tempo situacional, condicionado e dominador; que domestica e se desagra, simultaneamente. Sendo

um tempo improvável de representar, todavia substância de maior volúpia na criação artística ao longo de sempre. Novalis alertava para o fato de que: “Toda a realidade tem um antes e um depois – ambos são possibilidades. – Depois é uma possibilidade. Antes foi uma possibilidade. Na realidade, todavia, tudo é igual.” (Novalis, 1992: 17)

Por outro lado, essa espécie de repetição diferenciada que é o tempo (como perfeccionado, “reconhecido” ou inteligível), ergue-se como uma glosa de máscaras/rostos para entes de cronologias distintas. Vej-se o caso da célebre da fotografia de Man Ray (Kiki and the African Mask, 1926), que foi sucessivamente apropriada, retomada por diferentes artistas ao longo do séc. XX e no séc. XXI (figs. 2, 3 e 4). Destacam-se, neste contexto, as versões de: Daniel Blaufuks, Self-Portray, 2012, double screening de vídeo; Oskar Alegria, The Search for Emak Bakia, filme de 2013; Catherine Balet - Looking for



Daniel Blaufuks, Self-Portrait, 2012, 2 x 13 min., 16/9 film, Double screening

Fig. 2 – Man Ray e Daniel Blaufuks.



Man Ray - Nôtre et Benche (Nôtre de Montparnasse) reversed negative, 1926

Catherine Balet - Looking for the Masters in Rome's Golden Shoes #17, Tribute to Man

Fig. 3 – Man Ray e Catherine Balet.



Fig. 4 – Man Ray e Oskar Alegria..

the Masters in Ricardo's Golden Shoes #17 (Tribute to Man Ray, Noire et blanche, 1926), fotografias de 2016.

No caso da obra de Man Ray, foi assumida por rostos com identidades e em tempos diferentes, comportando, absorvendo e diferenciando o tempo da fotografia original e as subjetividades dos 3 autores contemporâneos: Daniel Bluafuks, Catherina Valet e Oskar Alegria.

A obsessão em fixar o tempo, pela via da obra de arte, assenta na pretensão de o exorcizar, de o reter, entre outros escopos levantados pelas poéticas visuais ou literárias. A própria periodização das obras geradas pelos autores remete para essas condições e desígnios. Nestes meses que vivemos, torna-se impossível negar a necessidade de experienciar e, paralelamente, narrar, descrever e relatar o tempo. Entendendo-o como dilatado ou reduzido. O tempo perdido é para que haja tempo para vivermos. As plantas e os animais ocupam o espaço que nós lhes cedemos neste intervalo, nesta suspensão. Confrontados na contemplação das ruínas num sítio arqueológico ou numa cidade acelerada, as reflexões de Marc Augé sublinham a evidência de um tempo que não é nem o tempo abordado pela história, nem tampouco aquele tempo impoluto que os restauros pretendem ressuscitar: "É um tempo perdido, cuja recuperação compete à arte." (2003: 7)



Fig. 5 – João Queiroz (4 pinturas publicadas no Facebook entre 2017 e 2020).

Até que ponto/termo, são perceptíveis, suscetíveis de serem apreendidas os conceitos que contribuem para a definição de tempo: simultaneidade/intercessão, sucessão/sequência, duração/demora (instantaneidade) que, com toda a

pujança se contemplam na paisagem natural em mudanças quase imperceptíveis e mínimas por vezes. As mutações na vegetação atenuam-se pois seguidas com olhares que as podem acompanhar, tomando certos segmentos como foco para observação, procurando detetar as transformações e as resiliências da sua aparência.

Na contemplação estética da paisagem natural (e cultural), os conceitos atrás enunciados, associam-se imagetivamente às dimensões transfiguradores (ainda que perenes) de tempo que se explicitam, por sua vez, nas fases, partes, secções exteriormente assinaláveis pela sua tripartição: passado, presente e futuro. Para além das asserções compósitas - quer uma, quer outra - devem considerar-se as ideias contíguas/adjacentes em o tempo se institui (em termos de afinidades, cumplicidades mesmo): lentidão, quietude, duração, demora, instante, efemeridade, fugacidade precaridade; ponderar como é transferível, permutável, perceptível e, ainda, como interfere e extrapola além do perímetro da percepção viso-verbica.

Volte-se atrás na história do pensamento, de novo, lembrando que Aristóteles isolou a noção de tempo contraposta à noção de tempo-eternidade, ao considerar que era a alma (ou o intelecto) que conformava a medida do tempo e a capacidade de o enumerar. Nas constelações, nos elementos da cosmologia transversal em culturas e períodos da história da humanidade, o tempo extroverte-se em imagens densas, como que emanadas de uma fusão entre terra, fogo, ar e água. São início e fim – tempo que clama pela eternidade. Vejam-se as imagens pregnantas de Anselm Kiefer. (Fig.6)

O tempo sagrado, por sua natureza, era reversível, no sentido em que é um Tempo mítico primordial tornado presente. Toda a festa religiosa, todo o tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, «no começo» (Eliade, 1992: 59-60)

O tempo sagrado, periodicamente reatualizado nas religiões pré-cristãs (sobretudo nas religiões arcaicas) é um Tempo mítico, quer dizer, um tempo primordial, não identificável no passado histórico, um Tempo original, neste sentido em que brotou «de golpe», que não foi precedido por um outro tempo, porque nenhum tempo podia existir antes da aparição da realidade narrada pelo mito. (Eliade, 1992: 59-60). Há que

admitir as suas mutações e transfigurações imperceptíveis ou evidenciadas. Talvez residindo no fim dos tempos, na simbólica viagem ao fim do mundo que será, onde todos os tempos se sobrepõem, na amálgama de todos os nascidos, desde o início/origem [Origo] da eternidade.



Fig. 6 - Anselm Kiefer - Am Anfang. 2003 /Anselm Kiefer.Voyage au bout de la nuit. 2004

Se o tempo não existisse, onde (se)pararia a duração? Tudo a demorar para sempre e em nada. Há uma repetição na passagem dos nossos dias. Essa repetição podia ser revisão, podia ser ênfase, podia ser exorcismo, podia ser despojamento, mas também podia ser compulsão e endereçar-se para um tomar posse, domesticar. O tempo é um produto de repetição e de imprevisto, é em unísono aparente e distópico. A repetição traduz-se pelo uso das mesmas palavras, pelas mesmas ideias, pelas mesmas configurações retóricas e/ou iconográficas, passando para analogia do visual para além do verbico. Sabe-se, com Gilles Deleuze, que a Diferença cria a intensidade e dinamiza o mergulho até ao que possa ser assumido como “o profundo”.

Todas as repetições, não será isso mesmo que determina (ordena, dispõe) a forma pura do tempo? Essa forma pura, a linha recta define-se, com efeito, pela ordem que distribui um “à frente”, um durante e um depois, pelo conjunto que recolhe os três na simultaneidade da sua síntese a priori, e por uma série que faz corresponder, a cada um, um tipo de repetição. (Deleuze, 1968: 376)

A diferença procura a mesmidade ou pretende instaurar a distância que a anuncie como inigualável?

A mesmidade coincide na repetição e diferença de si mesmo (Fig. 7). A repetição que, na poética de Manoel de Barros, significava diferença (acionada pela mesmidade): “Repetir, repetir até ser diferente”. (Barros, 2001) Não necessariamente o significado literal das palavras, no pensamento



Fig. 7 – João Jacinto (4 + 4 pinturas publicadas no Facebook entre 2019 e 2020)

das frases, significa o que está pre-concetualizado, pré-reconhecido, que é suposto ser a verdade na passagem de um tempo exclusivamente linear (unilateral, acrescentaria eu). A percepção, o entendimento primeiro, não garante a verdade do real, ponderou Henri Bergson: “percebemos para

agir sobre o mundo e não para conhecê-lo...não percebemos o mover-se propriamente, assim como não percebemos o passar do tempo...” (Leopoldo e Silva, 1992: 143)

Percebemos/percecionamos o tempo, na passagem ininterrupta dos instantes; por vezes, detemo-nos para usufruir de instantes únicos e perdidos: é irreversível. Bachelard em *L'intuition de l'instant*, acerca da obra de M. Roupnel,

sublinha a dimensão psicoafetiva - e fenomenológica - do instante, como instaurador da definição de tempo. Pois “...o instante é já a solidão...é a solidão no seu valor metafísico mais despojado.” (Bachelard, 1932: 13)

O tempo, em consonância à transição quase invisível da súmula de instante, é “instante solitário, como a consciência da solidão.” (Bachelard, 1932: 13)

Qual é, então, a nossa consciência da realidade do tempo? Como é que os artistas souberam transpor para a sua obra, as diferentes aceções em que entendem o tempo?

Fechar o tempo: regresso ao instante

O tempo tem apenas uma realidade, a do instante. Dito de outra forma, o tempo é uma realidade encerrada no instante e suspensa entre dois néants (nadas). (Bachelard, *L'Intuition de l'Instant* (1932) e *La Dialectique de la durée* (1936))

Aristóteles diferenciou duas aspetos no instante, o que gerou uma contradição, assinalada por Barreau (1968). Numa certa perspetiva, o instante é o mesmo: identifica-se com o seu substrato; é o instante-limite. Mas, numa outra perspetiva, já não é o mesmo: torna-se diversificado, o que permite ter a noção de anterior e de posterior; é o instante-número. Segundo o Estagirita, ambos são instante: «le temps est nombre non en tant que nombre nombrant, mais comme nombre nombre. Et celui-ci se produit, antérieur et postérieur, toujours autre, car les instants sont différents». (Barreau, 1968: 214, apud Aristote, 220 b 9-10). Consequentemente, o tempo não é somente limite, pois possui uma dimensão numérica (Barreau, 1968: 215) e implica uma grandeza espacial, pois advém do movimento – que emerge do repouso e não vice-versa. Esta ideia de espacialização torna-se sedutora para a criação artística, quer bidimensional, quer tridimensional. Tempo e espaço, na obra produzida, procuram uma conveniência mais do que uma síntese. De algum modo, conciliam-se duração e instante. (Fig. 8)



Fig. 8 - Paulo Klimachauska. O Dia em que Terra Parou, 2013 / Fechado para Balanço, 2013

A duração (Henri Bergson) e o instante (Gaston Bachelard, *L'intuition de l'Instant*, Paris, Gallimard, 1935) surgem concatenados (conciliados) nas reflexões suscitadas perante as obras de arte. Quando se percebe que o processo criativo permanece em processo/devir, acumulando as imagens possíveis que os recetores, ilusoriamente, lhes outorgam, quando delas se apropriam, tornando-se, de certo modo, em autores. Assim, expande-se mais e mais o impacto das obras de arte, promulgando uma agregação de elementos que se afiguram infindáveis.

Se Andrei Tartkovski “esculpiu o tempo” e George Kubler “configurou o tempo”, também muitos outros autores e artistas “o” pensaram ou lhe atribuíram condição exterior [tempo], recompondo ou recuperando o arco cronológico que abriga tanto a linearidade, quanto a circularidade de

Kronos – Octavio Paz. A forma circular persiste hoje na obra de inúmeros artistas visuais que a celebram como a mais simples e completa, simultaneamente. Ou seja, no círculo persiste a razão hermética que regimentou a razão artística e estética, desde a modernidade e até à época atual, para nos cingirmos aos diversificados movimentos do séc. XX e inícios de séc. XXI. No círculo, mantém-se a aceção sagrada, divina, atravessada pela retoma intelectual e criativa dos humanos. Estes garantiam a perfetibilidade e a queda, num jogo de tensões sobrepostas e instigantes.

Na ficção viso-verbica, os tempos do tempo sobrepõem-se, espécie de música das esferas dos pitagóricos, convertendo-se em dinamismo que seduz o espectador-viajante. Qual a repercussão da noção de tempo e como subjaz na criação? Quais os registos mais privilegiados para consignar o tempo? Considerando que a multiplicidade é infinita, restringe-se, obviamente às obras identificadas neste estudo. A indagação não teria fim, houve, pois, que selecionar os objetos artísticos, numa panóplia que decorre num arco cronológica da Arte Contemporânea, de modo a

que seja possível desenvolver a sua análise e conseqüente reflexão. O tempo preside, dirige a existência da obra, na pessoa do sujeito-autor, mesmo quando não se evidencia numa primeira receção estética. Na arte contemporânea, apesar da diversidade de linguagens que lhe assistem e do desgaste (e controvérsia) que o conceito carrega, o tempo firma-se e instala-se. As assunções artísticas manifestadas, os significados que o definem, correspondem ao papel, à relevância e ao contexto em que o autor o pretende. O tempo é simultaneamente

causa e efeito, ponderado por via de ideias e materialidades, dispositivos e evanescências que o dão a ver, a ouvir, a fruir. O Tempo só pode existir mediante um ato de consciência, lembrou Santo Agostinho.

A percepção do tempo difere das outras formas de percepção. Com efeito, contrariamente à visão ou audição, o tempo não é uma realidade física que se possa captar diretamente através de um órgão sensorial específico, que transformaria a informação temporal em fluxo nervoso. (DROIT-VOLET, https://www.universalis.fr/encyclopedie/perception-du-temps/#i_2275)

Será? Por vezes, parece-nos que a sensação do tempo se associa a um sentido em particular...pela ação da memória (lembrando Marcel Proust)...que a singularidade do eu

toma como primordial – sendo portanto uma sensação subjetivada. Como ensinar a alguém - que nem mesmo a própria pessoa sabe – explicar ou dar a conhecer o que é o tempo? Há que distinguir entre uma ponderação, argumentação intelectualizada do tempo e a vivência individual que configura a noção de tempo – subjetiva e individuada, portanto personalizada.

Quando se aguarda, enquanto se espera, subsiste uma consciência de passagem do tempo, experimenta-se a passagem do tempo na sua forma mais pura, como assinalou Henri Guitton, pois: “Essa passagem confronta-nos com o problema de ser.” (Guitton, 1985: 8)

Quando se anseia, impera a expectativa. As sensações múltiplas predominam, ainda que se oponham. No incumprimento do plausível, o inacabado pode erguer-se na precaridade do eu. Invocam-se, então, representações mitificadas de um futuro a porvir.

A espessura do tempo

Assim como o caminho que percorremos fisicamente sobre a terra é apenas uma linha e não uma superfície, na vida, quando queremos agarrar e possuir algo, devemos deixar muitas coisas à direita e à esquerda e renunciar a diversas outras. (Schopenhauer, 2001: 10)

Autorizei-me a fluir na convocação de percepções noções advindas da contemplação e de leituras (saberes de outrem) – num processo de introjeção, projeção manifestamente viso-verbico mas que, na realidade, incorpora diferentes sentidos e noções. Questiona-se a duração da demora e vice-versa. Como a consciência de medir o tempo, se influencia sempre pela pragmática dos dias, nas rotinas e nas interrupções, nas descontinuidades que não sabemos ou podemos dominar a nosso bel-prazer. Todavia, a manifesta e comum concordância, quanto ao privilégio do artista ou do autor a demorar-se no processo do fazer, posicionou-se como tópico primordial, que assim consignou a intervenção artística e a tomou como obra/peça. Há uma unidade que estabiliza a intervenção como peça – e logo, logo, a pode libertar e reconverter em transitória.

Sobre o significado que a duração possui na atualidade, desenrolaram-se reflexões quanto ao modo como interfere no processo de criação artística, como este se adequa ou agride a vontade de assimilação pensada em situações de pesquisa, convocando conhecimentos e saberes – aparentemente desecessários ou excessivos.

Regressando à espessura do tempo: adivinhe-se quanto é possível medir o tempo, essa “soma de dias” que é incessante e se sabe incontrolável. O tempo é cronométrico, o tempo dos relógios: o relógio a que se dá corda, dá-se corda ao tempo, para o acionar. Ou os relógios digitais, em que o tempo decorre inexoravelmente.

Acrescentam-se tempos e mais que tempos, numa gramática por domesticar. Tanto tempo grudado no tempo em vertigem e aumento, eis que a demora, sendo paradigma a celebrar, impera sobre a insaciável passagem das horas que não de Fernando Pessoa. Nesses casos, em que se anseia, se tem expectativa, sensações múltiplas impera. Vislumbra-se a possibilidade de incumprimento, de inacabado. Invocam-se representações mitificadas de um futuro a porvir. Enquanto representamen, numa plataforma experiencial singular, a espessura do tempo tanto pode significar posse, quanto perda por abandono – desistência.

Gérard de Champeaux escreveu em *Une Oubliée, la durée* (1978) que à noção de duração presidem a persistência, coerência e interiorização. Talvez que quando se aborde a noção de instante, as mesmas qualidades subsidiem a sua retenção conceitual em imagem, ao que acresce, porventura, a convicção. Em última instância, se o instante for cumprido, interiorizado, sujeita-se a um movimento centrípeto, revertendo para a acumulação imperceptível que é a duração, pelo ato e mediação acionada, em devir. Entre a continuidade e a descontinuidade. Ricoeur afirmou: “A continuidade do tempo não pode ser senão o corolário da sua continuidade.” (1985: 362)

Para Bachelard, a descontinuidade do tempo, a sua essência, seria conciliadora entre os domínios da poética, da metafísica e da ciência – remetendo, no relativo a esta última, para os ‘saltos’ estabelecidos pela física quântica e pela teoria da Relatividade. Refletia sobre a “consciência vivida”, e no contexto da fenomenologia do eu: «Nunca se viu bem o mundo, se não se sonhou o que se (de)via.” (Bachelard, 1978: 148)

É nesta consciência de um tempo fugaz/frágil /quase imperceptível, embora impossível de dominar, que se revela o mundo na sua evidência impreterível. Transverbera como sinónimo de um dentro e de um fora reunido na atenção precária do instante, que apenas perdura pela memória, organizado (ainda segundo os moldes) na visão agostiniana, segundo a qual: «O presente das coisas passadas, é a memória; o presente das coisas presentes, é a atenção; o presente das coisas passadas, é a espera.” (Confissões, livro XI, XX).

Reconhece-se que o tempo reside na interioridade do eu/figura, no espaço do mundo que o alberga, na condição de tempo exterior, ideias expressas por Peter Handke em *Poema à Duração* ou por Pascal Quignard, entre tantos outros escritores e poetas:

O tempo é espaço interior – o espaço é tempo exterior. (Síntese dos mesmos.) Figuras temporais, etc. Espaço e tempo nascem ao mesmo tempo. A força dos indivíduos temporais mede-se pelo espaço – a força dos indivíduos espaciais mede-se pelo

tempo (duração). (Quignard, 2002: 12)

Cumprindo o jogo entre o tempo interior e o tempo exterior, cada pessoa arroga a forma de lograr a sua consciência do tempo. Há sempre dificuldade em o definir, antes de mais, para si mesmo, introspectivamente, que se empenha em o conseguir. Ao pensar a sensação de duração ocorre o mesmo, pois cada temperamento possui um modo de escoar o tempo. Alguns preferem viver as coisas intensa e rapidamente. Noutras ocasiões, procuramos que as vivências perdurem o mais possível. Outras pessoas ainda, anseiam por dilatar antecipadamente o que imaginam consiga persistir. Vivemos a curto, a médio ou longo prazo a ideia/intuição da duração, vertendo-a no espaço – visualiza-se na extensão de algo que possui maior “realidade”, visibilidade do que essa abstração do tempo. A partir de Leibniz, segundo Alain Delaunay, “a duração está para a ordem temporal, como a extensão para a ordem espacial.”

Transplantar o tempo nas suas Alegorias

A realidade é o fluir do tempo – antes e depois, afixou Novalis – asseverada pela ideia do devir – na qualidade abstrata que esgota o presente/durante – implicado numa



Fig. 9 - Felipe Barbosa – A roda do tempo, 2020

aceção literal. Como avisou Henri Guitton “entre o instante e a duração, surge uma espécie de conflito”. (1985: 7)

O tempo é um fluxo, que mantém uma zona de conforto, acreditando-se mesmo que perdura ininterruptamente. A irreflexão da passagem do tempo esgrima a consciência da finitude na pessoa humana. Falar da propagação do tempo, é evocar a evolução cronológica de formas (e sujeições) simultâneas de tempo. Incapaz de ser domada, a decorrência supõe a ideia do fenómeno que persiste, a perseverança temporal de uma realidade, precisamente porque possível

de atingir, subtilmente intocável. Esta aceção (postulado) do tempo-fluxo foi alvo da crítica de Merleau-Ponty, na senda do que Edmund Husserl denominou “auto-manifestação”. Teria de estar para além do tempo-fluxo: «A passagem do presente a um outro presente, eu não a penso, não sou seu espectador, eu a efetuo, eu já estou no presente que virá, (...) eu mesmo sou o tempo, um tempo que “permanece” e não “se escoar” nem “muda”, como Kant o disse em alguns textos.” (Merleau-Ponty, 1994: 564)



Fig. 10 - António Olaiio. Petits Mots, 2020 [a partir de poema de Bernardo Pinto de Almeida]

Consequentemente, a experiência humana do tempo não se reduziria ao fluxo, que fundamenta tanto a duração advinda da física de Galileu, quanto a duração-tensão implícita na intuição bergsoniana: «La durée n’est que par son ouverture à l’éternité au cœur de l’instant.» (Delaunay, in <http://www.universalis.fr/encyclopedie/duree/>)

Como se sabe o tempo, para além do que é a evidência do imediato, quanto tempo demora o imediato que se institui em *durante*?

Dependendo da capacidade, interesse ou empatia para que se exerça a atenção que o demonstra?

É essencial ao tempo não ser apenas tempo efetivo ou que se escoar, mas ainda tempo que se sabe (...) É pela temporalidade que, sem contradição, pode haver ipseidade, sentido e razão. (Merleau-Ponty, 1994: 566)

O tempo institui-se em plenitude nos momentos de imediato – instantâneos ou duradoiros – que cada pessoa pode perceber e – intelectualizando, racionalizando – reconhecer como momento não apenas depois de vivido, mas enquanto vivido na lucidez da sua passagem.

A submissão da duração a uma regra geométrica de extensão temporal, permite a redução de ritmos fenomenais ao tempo uniforme dos relógios – como diagrama temporal de um movimento regular uniforme, idealmente monótono, linear, composto de instantes sucessivos. A ligação entre

os instantes é de exterioridade pura. Nada comporta em si o princípio da sua permanência. (Delaunay, <http://www.universalis.fr/encyclopedie/duree/>)

A ideia de duração, como se viu, associa-se à ideia de espera, atraindo possível concretização daquilo que se aguarda, receia ou aspira. O ato de esperar orienta-se para um futuro almejado ou, pelo contrário, que tememos, do qual nos queremos afastar. Numa certa perspectiva, quer a duração, quer o instante, suscitam ansiedade – porque podem ser goradas, frustradas. O ato da espera é um ato essencial da condição humana (Guitton, 1985: 8).

A medição da duração, através de dispositivos cronométricos, é de impossível compreensão íntima na sua espessura, pois é impensável na sua incomensurabilidade. Ainda que causando incômodo ou angústia, essa incapacidade garante/proporciona uma mais sana assunção do eu, sem que se esgote numa conquista inglória pelo mensurável.

Enquanto permanecemos na vivência das ações continuadas (impensadas, pois incorporadas no quotidiano), tendemos a esquecer a marcha do tempo; é no pensamento da espera que “nós experimentamos o escoamento do tempo na sua forma mais pura”. Esse escoamento confronta-nos com o problema do ser. (Guitton, 1985, 8)

As 3 ações complementares de tempo na mitologia grega, alojam-se nas respetivas alegorias, projetadas ao longo de séculos, recriando ambiguidades e proporcionando um discurso polissêmico inesgotável. Lembrando a concetualização trabalhada nas tábuas correspondentes, no Atlas Mnémósine de Aby Warburg, desde há poucos anos disponível online, atenda-se às alegorias de:

Kronos – apenas uma referência na Tábua 8¹. Enfatizado na personificação do tempo infinito.

Kairós – surge na Tábua 48 - Fortuna com 7 referências: imagens 22, 23, 24.1; sequências 1, 3, 4 e 5. Evocado na personificação da ocasião².

1 In <https://warburg.library.cornell.edu/panel-image/panel-8-image-8>

2 Panel 48 Image 22 in <https://warburg.library.cornell.edu/panel-image/panel-48-image-22>

Panel 48 Image 23 in <https://warburg.library.cornell.edu/panel-image/panel-48-image-23>

Panel 48 Image 24.1 in <https://warburg.library.cornell.edu/panel-image/panel-48-image-241>

Panel 48 Sequence 5 in <https://warburg.library.cornell.edu/image-group/panel-48-sequence-5>

Panel 48 Sequence 3 in <https://warburg.library.cornell.edu/image-group/panel-48-sequence-3>

Panel 48 Sequence 1 in <https://warburg.library.cornell.edu/image-group/panel-48-sequence-1>

Aión – surge na Tábua 8³, personificação do tempo ilimitado, portanto vago, sem e com todo o preenchimento infinito.

Aión implica o que está para além da permanência do humano; o que está para além da morte; convoca a ideia de suspensão, que avançaria eu, por minha adesão, a uma certa aceção de época. Aion assegura uma concetualização mitológica de tempo, diametralmente oposta a Kronos, que é empírico (supostamente objetivo, ainda que já vimos ser incapaz de ser percebido pelos sentidos...).

O mundo alimenta-se, ainda, de alegorias, configurando numa aceção conjugada as 3 personificações, onde se destaca a dominância de Kronos, divindade que ao longo dos milénios mais diretamente é invocada.

O mundo impregna-se de uma grande solidão, que é concedida pelo acumulo de existências individuais e únicas. A solidão de cada um existir per se, ainda que eu tenha tido a minha tão grudada na mão do meu amado que pensava impedir que partisse. Portanto, a solidão no mundo que é redondo, onde os valores mudam, todavia, afluem sem cessar. Nesse dinamismo dual, a consciência da brevidade e da duração implicam-se e contrariam-se. Ou podem contribuir para um plausível discernimento: “A eternidade e um instante é a mesma coisa.” (Santo Agostinho, 1977: 301)

Para o indivíduo nascido sob o signo de Saturno, o tempo é o meio da repressão, da inadequação, da repetição, mero cumprimento. No tempo, somos apenas o que somos: o que sempre fomos. No espaço, podemos ser outra pessoa. (...) (Sontag, 1986: 89-90)

As premissas que gerem a vitalidade de cada pessoa são, consequentemente, perseverantes e convictas. Organizam a vida numa circularidade que é consecutivamente quebrada e, acreditemos, reposta e amplificada. Assim, a ideia de criação artística, pensando com Schopenhauer, será a única redenção [capaz de sossegar] do humano, perante a inevitabilidade dessa circularidade que afinal é linear. Ainda que a obra de arte permaneça, mesmo quando se assemelha a ser efêmera. Isto porque a vivência estética provocada no espetador, quanto do autor é imaterial. A materialidade precária, ou não, da constituição [organismo] da obra como matéria que se apaga e diminui, ganhando imaterialidade [incomensurável e não-visível], numa plataforma superior, que cada pessoa guarda em si e os demais não sabem nunca na totalidade o que é.

A absorção dos tempos está no tempo, correspondendo ao Tempo (com maiúscula) o sentido de Eternidade em Santo Agostinho: “Na eternidade, ao contrário, nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo

Panel 48 Sequence 4 in <https://warburg.library.cornell.edu/image-group/panel-48-sequence-4>

3 Panel 8 Sequence 4 in <https://warburg.library.cornell.edu/image-group/panel-8-sequence-4>

presente.” A ideia é explicitada, assinalando que “A mais alta personalidade humana será aquela que, em tudo o que cada um faça, sinta ou pense, ela estiver sempre presente a todo instante como se cada instante fosse toda a sua vida.” (Almada Negreiros, 1982: 148)

O instante, que se segue ao instante, converte-se em duração e em memória (bifurcada em retrospectiva e prospetiva, a que será em devir), ideia que atravessa o tempo cronológico, garantindo-lhe a ilusão de “demorar-se” dentro e fora de nós (por algum tempo...). Em derradeira instância, mais e mais, tudo se concentra na definição de “duração”, desde Santo Agostinho que sobre tal se pondera...o tempo presente não auferirá de duração. Talvez? Sendo que quer o passado e/ou o futuro, a garantem:

*Quem nunca sentiu a duração
não viveu.*

*A duração não aliena,
leva-me ao caminho certo. (...)* (Handke, 2002: 77-79)

Conclusão:

Leonardo da Vinci plasmou a passagem do tempo na pintura, metaforizado no fluir da água entre penhascos, deslizando nas montanhas. Os detalhes simbólicos participavam nas paisagens-fundo-cenário, destacando as figuras retratadas, cujos rostos se congelavam no tempo. Procurava, talvez, a conciliação (impossível) entre o tempo geológico, o tempo histórico, o tempo orgânico, o tempo do humano, tantos tempos e, assim, projetou-se além do seu tempo. Muitos artistas, ao longo de séculos, partilharam tais obsessões e motores estéticos, domesticando o tempo em obra. As aceções de tempo oscilam, movimentam-se, consoante os dilemas gritantes de cada época e, por sua vez, nas obras de arte reverbera a inconstância ativadora dos pequenos tempos, aqueles que se escapam das grandes celebrações e determinam os vindouros: os instantes-detalhes. Os tempinhos são partículas menores do tempo, como metaforizou Lenora de Barros, nos seus vídeos e fotografias, quando se assiste a algo que parece a revolução

cirúrgica de ponteiros de relógio que se libertarem dos grilhões da medição, da cronologia. Estratégias subtis, com a lentidão cúmplice a reunir os pedaços do tempo.

Atendendo às obras inscritas/consideradas no cenário da arte contemporânea, trataram-se aquelas que suscitam, exaltam o primado (experiência estética) da imagem simbólica das elaborações conceituais do tempo, a exercer-se como desafio na sensibilidade e pensamento dos recetores. Nestas obras escolhidas, o aprofundamento, de tudo aquilo que a sua polissemia comporta, significa-se na noção de “duração”. As obras revelam a consubstanciação e matéria das variantes assumidas no e do que seja o tempo, procurando-lhe uma imobilização que, todavia, é dinâmica e que, assim, se conecta ao devir. Tempo é algo interno, assinalou Merleau-Ponty; dir-se-á algo que, para nossa própria salvaguarda, se formata, aciona-se a tecla “delete”, para de novo ser “reformatado”, procurando imitar o tempo circular, incessante e mítico que Octavio Paz soube asseverar.

O dia conseguido é, pois, para ti, completamente diverso de um dia tranquilo, de um dia de sorte, de um preenchido, de um dia activo, de um que só a custo se suportou, de um transfigurado pela lonjura do passado (...) O dia conseguido é incomparável. Não tem par. (Handke, 1994: 11-12)

Chegamos, então, ao tempo de identificar o dia conseguido, patente numa presença do real que não é sempre o mesmo – ainda que a duração pareça minorar a distinção de instantes - havendo que cumprir os desígnios: “... em que a vida é uma ordem. / A vida apenas, sem mistificação.” (Drummond de Andrade, 2001: 172)

Alguns artistas criam a sua poética, centrando-se nas circunstâncias ambíguas do “tempo”: entendido como substância e matéria, extensão e movimento, suscetível de ser medido. Tempo limite e tempo mensurável, por analogia à argumentação de Aristóteles (Reis, 1996) acerca do instante: “O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, / A vida presente.” (Drummond de Andrade, 2001: 149) É o infinito fechado no seu sinal visual.

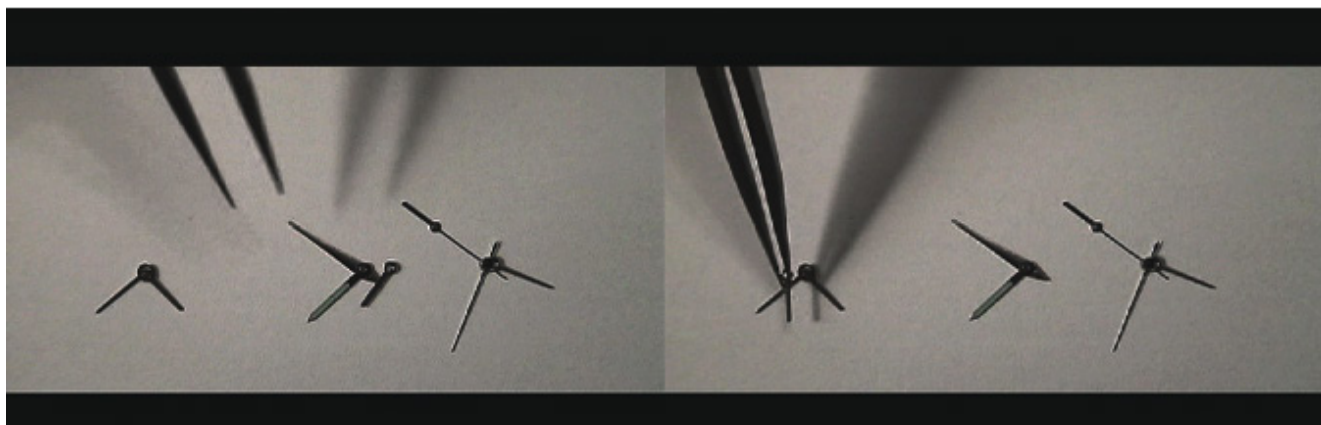


Fig. 11- Lenora de Barros. Tempinhos (detalhe), 2008/2016. Impressão jato de tinta 90 x 14,3 cm

Porquê almejar o sentido de tempo unívoco, uni-direcionado, que configure a unidade de coisas, situações, obras e pensamentos? Tudo se suspende no reino da redundância (pois o instante engoliu toda possibilidade). Como medir o tempo das coisas? Quanto tempo o instante? Tranquilo momento que persiste, esse (é) o tempo do instante. A duração persiste, irreverente, subvertendo a aceção cognoscível, lógica ou coerente do instante significado.



Fig. 12 - Daniel Senise - Quase Infinito, 1992

A ultrapassagem da consciência do instante reside na capacidade, intenção ou desejo que a cada pessoa possa acudir. A imensidão, a (a)temporalidade ou o colapso do instante estará nela própria, nessa ou nesse que é uma pessoa singular. Há pessoas que habitam instantes, como se de casas se tratara. Então: a casa (leia-se a pessoa) estava-de fora, a pessoa (leia-se a casa) entrava-dentro. Lembrem-se as pessoas que existem como as casas os outros se instalam. Assumem-se como imagens-vidas, habitam conceitos, almas e/ou imaginações. Aqueles que possuem casa no “si-mesmo”, residem nos demais, sendo cosa mentale.

Talvez a coincidência de instante e duração se encontrem na intuição (bachelardiana) que a ânsia de um artista transpõe na obra. Por outro lado, a pessoa é a sua própria casa. Busca a assimilação descontinuada, oscila entre interior e exterior. Dirige a reconciliação entre pensamentos, presenças e memórias.

Não digamos pois: “o tempo passado foi longo”, porque não encontraremos aquilo que tivesse podido ser longo, visto que já não existe desde o instante em que passou. Digamos antes: “aquele tempo presente foi longo”, porque só enquanto foi presente é que foi longo. (...) (Santo Agostinho, 1977: 304)

Sentimos hoje a experiência de tempo pensado (com tempo) no e como um durante que limita e cuja medição prossegue na incongruência. A ideia de tempo-demora-duração atravessou-se, como que glosando aporias antigas. Pensa-se a obra de artistas específicos sob incidências imprevistas; subsumem-se estudos de estética e filosofia consoante estímulos e solicitações que se alçam acima da investigação “exclusiva”. O que se pensou, o que se escreveu no ontem acerca do tempo, e até agora, diverge do que hoje/durante se vivencia, entende ou interpreta. [Maio 2020]

Os artistas, ao longo da história, desenvolveram obra sob a égide da ideia de tempo; usam-na como charneira, nomeiam-na; traçam os moldes em que os recetores a podem intuir. Configuram os recetores estéticos em autores, plausíveis dentro de um tempo que circulando, é sempre diverso na aparente mesmidade. O significado que se concede à duração atual, ramifica-se em cogitações, emergindo num contexto incontornável. A contingência dos dias confinados transfere-se, exorciza-se parcialmente no processo de criação. A consciência do tempo adequa-se ou agride o ensejo de compilação dos dias.

Referências Bibliográficas:

- Almada Negreiros, J. de (1982) Ver. Lisboa: Arcádia
- Augé, M. (2003) El tiempo en ruinas. Barcelona: Ed. Gedisa
- Bachelard, G. (1932) L'Intuition de l'Instant. Paris: Ed. Gonthier
- Bachelard, G. (1978) La Poétique de la rêverie. Paris: PUF
- Barreau, Hervé (1968) “L'instant et le temps selon Aristote (Physique IV, 10-14, 217 b 29 - 224 a 17)”. Revue Philosophique de Louvain. Troisième série, tome 66, n°90 in https://www.persee.fr/doc/AsPDF/phlou_0035-3841_1968_num_66_90_5431.pdf. (acedido em maio 2020)
- Barros, M. (2001) O livro das Ignorações. SP: Editora Record
- Champeaux, G. (1978) Une Oubliée, la durée. Paris: Chez l'Auteur/Autun
- Delanay, A. (S/d) «DURÉE», Encyclopædia Universalis [en ligne], consulté le 5 mai 2020. URL: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/duree/>
- Deleuze, G. (1968) Différence et Répétition. Paris: PUF
- Droit-Volet, S. (s/d) “TEMPS”, Encyclopædia Universalis [en ligne], consulté le 5 mai 2020. URL: https://www.universalis.fr/encyclopedie/perception-du-temps/#i_2275
- Drummond de Andrade, C. (2001) Antologia Poética. Lisboa: Dom Quixote
- Eco, U. (2000) A Ilha do dia antes. Lisboa: Difel
- Eliade, M. (1992) O Mito do Eterno Retorno. São Paulo: Mercuryo
- Guittou, H. (1985) Le sens de la durée. Paris: Calmann-Lévy
- Handke, P. (1994) Ensaio sobre o dia conseguido. Lisboa: Difel
- Handke, P. (2002) Poema à duração. Lisboa: Assírio & Alvim
- Mello-Breyner Andresen, S. de (1976) Livro Sexto. Lisboa: Moraes Ed.
- Merleau-Ponty, M. (1994) Fenomenologia da Percepção. SP: Martins Fontes
- Novaes, A. de (1992) Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras
- Novalis, F. (1992) Fragmentos de Novalis. Lisboa: Assírio & Alvim
- Paracchini, F. (2008) Chronoscopie – Étude phénoménologique sur l'unité et la forme du continu temporel. Paris: Mimesis
- Paz, O. (1990) Los Hijos del Limbo. Barcelona: Seix Barral
- Quignard, P. (2002) Histórias de Amor de outros tempos. Lisboa: Cotovia
- Reis, J. (1996) «Estudo sobre o Tempo». Revista Filosófica de Coimbra – n. 9. Coimbra: Faculdade de Letras da U.C.
- Ricoeur, P. (1985) Temps et Récit 3. Paris: Ed. du Seuil
- Santo Agostinho (1977) As Confissões. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa
- Schopenhauer, A. (2001) A Arte de ser Feliz. São Paulo: Martins Fontes
- Sena, J. de (1989) Visão perpétua. Lisboa: Edições 70
- Sontag, S. (1986) Sob o Signo de Saturno. SP: L&PM Editores
- Tacita Dean (2001) The Green Ray. Video in <https://www.youtube.com/watch?v=A9meDXPhKlo> (acedido em agosto 2012); Parket Review, vol. 62 in <https://www.parkettart.com/editions/62-edition-dean.html> (acedido em maio 2020)
- Warburg, A. in https://warburg.library.cornell.edu/panel-image/panel-8-image-8;%20in%20https://www.sacred-texts.com/cla/mom/mom10.htm#img_49 (acedido em novembro 2019)